

# LEITURAS DE BARTHES:

## I. UM PERSONAGE SINGULAR

L.G. Soto

### Abstract

Monograph on reception of Barthes's work in the critical literature in English, French, Italian, Portuguese and Spanish, in which the very different approaches are studied in five main themes. In this first chapter books by A. Lavers, L. Perrone-Moisés and S. Sontag, and articles by C. Benincasa, A.L. Janeira & M.A. Babo, J.A. Miller, V. Morin, D. Noguez, T. Todorov and S. Trigo are commented. All of them pay attention either to «Barthes, the individual as subject» or to «the subject's questions by Barthes»: they write about the matters of his last texts or they read all his works through the eyes of the author of *Fragments d'un discours amoureux* (1977) and *La chambre claire* (1980).

---

### Leituras de Barthes

É, este trabalho, um estudo monográfico sobre a recepção crítica da obra barthesiana, na literatura especializada em Espanhol, Francés, Inglês, Italiano e Português, no que som descritos e ajuizados em cinco capítulos livros e artigos organizados segundo eixos conceituais ou distribuídos por afinidades electivas, visando no resumo sucinto e no confronto pontual debuxar um perfil ou deixar umhas broxadas, esboçar umha outra (a própria) leitura e, seguindo o reflexo ou apurando o contraste, tentear o texto barthesiano, o seu curso, os seus recantos... temáticas, influências, polémicas.

### Um personaje singular

Desde a publicação de *Le degré zéro de l'écriture* em 1953, os textos de Roland Barthes suscitaram variados comentários, muitas vezes reacções apaixonadas. Ora pola audácia nos plantejamentos, logo pola novidade das aporções e mesmo pelas suas abruptas mutações fórom alvo de duros ataques, merecendo descalificações perentórias e tamén entusiásticas adesons, e acendérom importantes debates, servindo como remoto pretexto ou marcando decisivamente o seu decurso. Basta recordar, por exemplo, as ampolas que levantou *Mythologies* (1957) ou as secuelas deixadas por

*Éléments de Sémiologie* (1964) na sementeira inicial e primeiras searas da pesquisa semiótica, por volta daqueles anos convertida em disciplina científica. Estas movidas, nom sempre reduzidas aos âmbitos académicos e com certa ressonância no mundo cultural, contribuírom a fazer do autor um personage. Mais, até certa altura, nengum estudioso deu em pór aí, na figura intelectual, a clave do texto, ninguém deu em interpretar a obra barthesiana polo força da assinatura, polo peso do criador, polo personage Roland Barthes.

Contodo, os comentários, ja desde muito cedo e com certeza recém entrados os anos setenta, tinham de integrar diversas facetas contraditórias: o texto barthesiano fora recebido primeiro como eminentemente político, ou a partir da sua intencionalidade política, entendido despois como umhas primeiras entregas a um novedoso empreendimento científico, a nacente semiología, e tamém encadrado na batalha pola renovaçom da crítica literária, com sorprendentes incursions nos pagos da literatura... cara onde parecia finalmente decantar-se, pois assumido como ensaio semelhava achar na escrita tanto a razom declarada canto a nervatura profunda. Tampouco, portanto, fórom salientados até umha data seródia os elementos místicos espalhados e perdidos de livro a livro, entre artigo e artigo: ficaram situados na órbita poética, passaram absorvidos polo escrituralismo.

O «personage singular», estoutra soluçom, cobra relevância por dous motivos bem diferentes mais ambos associáveis a *Fragments d'un discours amoureux* (1977). Em primeiro lugar, e talvez seja o menos importante, porque nesse texto a explicaçom pola escrita fracasa, ou debe ser drasticamente reformulada, ao comparecer essa escrita como propriamente tal, desprovista mesmo da literariedade (exaurida a literatura) e votada á manifestaçom do real, a dizer a realidade... Em segundo lugar, e seguramente contou máis, o notável éxito do livro fixo necessário, polo menos a título de referência, introduzir a obra inteira nos meios de massas, presentar o autor perante o grande público... empacotar nalgumhas imagens tanta palavra escrita.

Mais, aparte de jogar o «personage singular» como clave mestra em aquela obra feita, a partir dum momento dado um ténue misticismo recebe a atençom dos estudiosos e impregna os comentários: porque... o indivíduo, a singularidade, o sujeito, ... é o tema dos livros capitais e recorrência sempre no devalar dos textos que, iniciados com *Fragments d'un discours amoureux* (1977), venhem a rematar em *La chambre claire* (1980). De onde deriva tamém umha imprescindível, antes aludida, revisom das anteriores interpretaçoms da trajectória intelectual começada trinta anos antes cuns artigos sobre literatura.

Interessará, pois, esculcar nos seguintes coméntarios, peneirar no artigo, esse peculiar misticismo, a sua acolhida polos estudiosos e assim mesmo a tentativa de compreender a obra toda na figura do autor.

## **(01) Benincasa**

Em «Roland Barthes e la polifonia dei piacere» (BCS, 1981, pp. 9-16), Benincasa presenta umha mostra das pinturas de Barthes. Trata de cobrir o silêncio de Barthes, sobre a sua própria pintura, conectando este quefazer pictórico com feitos biográficos

e a prática textual.

Um texto barthesiano, sobre Stendhal e Itália, escrito em 1980 e publicado em *Le bruissement de la langue* (1984), parece explicar esse silêncio: um fracasa sempre ao falar de aquilo que ama... Benincasa encrava a pintura barthesiana no prazer: raiz pictórica, nexa biográfico e textual. A fragmentariedade combina, troca o cotidiano e o textual. As reflexões levam a umha comparação entre pintura e escrita: semelhantes a anverso e reverso.

«Bisogna disattendere l'apparente innocenza dei segni, che fanno l'occholino al campo della scrittura. Il segno è finzione di scrittura, è scavalco verso il lontano, verso l'altrove, è trappola e inganno, come nel mito. Il segno rende irriconoscibile e desconstruisce la scrittura, e la pittura è senza alfabeto, senza sintassi: nel regno del piacere non ci sono né grammatici né analfabeti. Il segno non tollera di essere pensato, di divenire prodotto,...» (BCS, 12).

Enfim, a pintura encaminha-se à restauração de separações, conjugação de contrários,... a experiência extática. Segundo Benincasa, a inefabilidade do nom-dizível. De aceitar que, como Benincasa sugere a respeito de Twombly, nos textos sobre pintura Barthes também teria falado sobre si mesmo, então seria necessário revisar a ligação entre o textual e o pictórico. Porque, nesses escritos recolhidos em *L'obvie et l'obtus* (1982), a pintura aproxima-se, máis e máis, à escrita. Quicás em princípio como dobre feliz, mais depois pintar e escrever movem-se como sócias sem papéis definidos, alternando e mesclando o logrado e o falido. Ademais, a pintura tem o seu momento e lugar entre as imagens... e entre elas a fotografia marca distâncias e remete o pictórico para um trasfondo, onde bem pode ser eco ou ressonância da escrita, ao desdizer-se ou desler-se um tanto a sua condição imagética. Acaso por se centrar em textos como *Roland Barthes* (1975), *L'empire des signes* (1970), *Plaisir du texte* (1973),... Benincasa nom considera a image, nom examina as images. Algo similar sucede co prazer ou os prazeres.

## (02) Janeira & Babo

Na comunicação «Entre o fragmentário e o aforístico» (VLB, 1982, pp. 237-245), Janeira & Babo acercam-se à escrita, caracterizam a textualidade, em *Roland Barthes* (1975). Na reflexão, adquire relevância e protagonismo a subjectividade, o sujeito como instância, corporalidade, emparedada e dinamizadora entre marges duplas, o fragmentário e o aforístico, a escrita e a image.

Para Janeira & Babo, o real apresenta-se, xorde, no fragmento em estado corpuscular e no aforismo como microcosmo. E, em consequência, do lado do primeiro, umha relativa desintegração do dito pola inclusão do nom-dito, a energia da multiplicação, a multiplicidade, o disperso, a contingência,... do lado do segundo, umha absoluta integração do dito pola exclusão do nom-dito, a força da totalização, a totalidade, o concentrado, a necessidade,... entre ambas vertentes, na angustura da escrita comparece um sujeito difractado, oscilante entre a atopia fragmentária e a utopia aforística: diferenciado tanto dum sujeito central, razão e centro dum sistema, como dum sujeito local, feito e lugar numha estrutura. Algo similar sucede coas images.

«Tal como o discurso fragmentário, o discurso imagético passa a ser espaço plural onde o visível e o não visível se entrecruzam num jogo dialéctico que se afirma também pelo princípio da impressão fotográfica: o contraste do preto no branco. A fotografia revela-se como espaço aberto, a sua sucessão não conduzindo ao sentido. Eneoadas, veladas, as imagens ultrapassam, transgridem a iconicidade e, além disso, a nitidez contrastativa...» (VLB, 243).

Entom, a foto suporta ou recria um corpo abolido que a escrita permite recuperar, concede como reapropriação. Neste processo, o grafismo serve, registo da corporalidade, como contraponto à foto. Entre ambos, segundo Janeira & Babo, desliza-se a subjectividade. Ora bem, quiçais caberia entender este processo, de apropriação da corporalidade imaginística pela escrita,... em sentido contrário: como incorporação da imagem pela escrita, inclusive anulação na textualidade. Explicaria-se, assi, como se desamarran as fotos dos referentes, como se esvaece a iconicidade... cousas, por exemplo, impensáveis em outros textos, como *La chambre claire* (1980), nos que tamém se dá essa alternância entre a foto e o discurso. Tamém, depois, deveria ser replantejado, talvez abandonado, esse paralelismo sugerido entre fragmento e aforismo e fotografia e grafismo.

### (03) Lavers

Em *Roland Barthes: Structuralism and After* (ALB, 1982, 300 pp.), Lavers escreve umha panorâmica completa e detalhada dos textos barthesianos. A partir do esmiuçamento e a recomposição dos textos, Lavers explica Barthes arredando tópicos e estereótipos, com numerosas referências e incursons no contexto cultural. Este livro segue, na exposição, um desenvolvimento cronológico e abarca desde *Le degré zéro de l'écriture* (1953) até *La chambre claire* (1980).

Lavers defende a existência dumha essencial continuidade nos textos barthesianos: interpreta Barthes segundo umha perspectiva unitária. Na página 25, propom um esquema geral, extraído de *Le degré zéro de l'écriture* (1953), que daria conta de transformações de todos os textos. Parece bastante aventurado. De facto, ainda que *Le degré zéro de l'écriture* (1953) seja fundamental, a interpretação sustenta-se em múltiplos textos. O estudo é distribuído em quatro partes: «a crítica começa pela compilação», «algo além da language», «sonho eufórico de cientificidade», e «a ciência da literatura é a literatura». Na primeira, repassa-se o contexto cultural prévio e concomitante aos primeiros textos; na segunda, aborda-se a temática barthesiana a partir de *Le degré zéro de l'écriture* (1953) e tamém parcialmente *Essais critiques* (1964), e *Mythologies* (1957), servindo especialmente *Le degré zéro de l'écriture* (1953) como passarela ao conjunto dos textos barthesianos; na terceira, volve-se sobre *Essais critiques* (1964) e *Mythologies* (1957) mais o seu núcleo está constituído por *Éléments de Sémiologie* (1964) e *Système de la mode* (1967); e na quarta, tratam-se os textos de *S/Z* (1970) em adiante. Esta interpretação goza de intensidade e profundidade nas temáticas associadas aos textos críticos e científicos, queda-se curta e limita-se no que respeita à estética e à mística.

«Ostensibly centred on the assessment of his self-image, his later work thus evinced a return to an earlier, «utopian» attempt to grasp and express the essence of the world directly, through

poetry, to be in touch with matter and nature, mostly symbolized by the mother, and thus to render not so much the body, as (in Barthes's terms), «the body under the body». This is a kind of realist ontology of language, in which the scientist and the poet reached a (perhaps ultimately fallacious) synthesis» (I.AB, 31).

Lavers move-se um tanto no ar ao examinar as últimas produções barthesianas. Essa captação directa do real, ou de qualquer cousa, ultrapassa os máximos do programa barthesiano. Barthes esquiva a mediação verbal, é entregue, no entanto, à mediação visual: a image, a foto. O seu realismo ontológico, em consequência, dista de ser verbal, para descansar na image, exactamente na foto, co que obriga a pensar na técnica e introduzir todo um conjunto de mediações. Ademais, a importância da figura materna deve ser matizada pola concorrência, como também sinala Lavers, da figura paterna. Para designar essa confluência, Lavers emprega a expressom «nai fálica». Esta temática, como em geral as questões que arricam de *S/Z* (1970), presenta carências e limitações no seu tratamento. Lavers, em troques, destaca as relações contextuais e revela interessantes conexões entre os textos barthesianos.

«Barthes may not like Racine, but Racine, so to speak, likes him, there is an affinity between them. Barthes's analysis of 'amorous alienation' in Racine, its sado-masochism and spiteful attention to detail, and the broad schema of the struggle to break free from compulsive passion and the feminization which results from being placed in the structural position of the dependent party: all this prefigures *S/Z* and *A Lover's Discourse* to a remarkable degree» (LAB, 180).

Lavers sublinha esta afinidade contra declarações expressas de Barthes: atende às ligações intertextuais, alheas muitas vezes à consciência do autor ou irrelevantes na sua perspectiva de trabalho. A riqueza destas conexões deveria conduzir ou desembocar num replantejamento da problemática barthesiana. Assi salva Lavers a disparidade e ensaia umha interpretação unitária, sem aventurar um modelo geral máis que a grandes rasgos.

#### (04) Miller

Em «Pseudo-Barthes» (CPT, 1977, pp. 201-211), Miller realiza cum par de traços um retrato de Barthes. De tal maneira que o seu Barthes fictício resulta, ao final, bastante convincente. Na sua intervenção som pulsadas várias cordas: cumha reflexom sobre o sofista, entra em Barthes: o real e a aparência, amoralismo e ética,... até acercar-se às relações coa psicanálise lacaniana em *Fragments d'un discours amoureux* (1977). Trata-se unicamente de anotações: interessantes porque, neste texto barthesiano, poderiam plantear-se, com outros comentaristas, precisamente divergências. *Fragments d'un discours amoureux* (1977) prepararia, segundo alguns, a liquidação (ou o paréntese) do psicanalítico cumprida em *La chambre claire* (1980).

Miller, ainda que conta distintas relevâncias no discurso barthesiano, parte de *Mythologies* (1957), sem chegar a desprender-se. A sua interpretação pode ser remetida grandemente para este texto. Entende Barthes como um artificialista absoluto.

«Voilà, je crois, jusqu'où il pousse sa croyance: il pense, il est sûr, qu'il n'y a que des façons-de-parler, des façons de faire avec le langage. Par prudence, par ruse, il paye souvent ses

respects à une espèce de Chose-en-soi, mais il n'en croit rien: le secret qu'il détient, c'est qu'il n'y a pas de réel, qu'il n'y a que du semblant» (CPT, 204).

Estas afirmações, passadas pola ética, pola psicanálise,... ganham amplitude e profundidade. Sem outra matização, apenas cadrariam com alguns textos barthesianos. Miller, consecuentemente, confia, máis ou menos, Barthes à palavra ou, dado o tom homenagístico da intervenção, confia-lhe a palavra: num sentido amplo, a language preside e precipita todos os textos barthesianos. Mais, enseguida, haveria que precisar: as relações som complexas. Por exemplo, Barthes em *Mythologies* (1957) nom saberia (nom quereria) confiar-se à language. E tamém, outras vezes, como nos textos estéticos, a palavra toca o real, ou transtroca-o, como nom sucede, por exemplo nos textos subseguintes. Enfim, a intervenção de Miller reenvia à psicanálise. Ora bem, as cuestiones do real em Lacan e em Barthes, a pesar de influências e implicações, nom parecem assimiláveis.

### (05) Morin

Em «Dans les *Fragments d'un discours amoureux*... un huis clos de sorties...» (C36, 1982, pp. 89-105), Morin ensaia umha interpretação desse texto barthesiano, essa tópica amorosa, entretida na contradição, que exige simultaneamente sair, escapar-se e permanecer, quedarse. As reflexões estão centradas neste atoramento: autêntico cordom medular permite umha distribuição e ordenação das figuras amorosas ou fragmentos de discurso. Assi, Morin classifica ou agrupa esses múltiplos, denominados aqui e agora ares ou lugares sintáticos, em tres tempos maiores: fluxo, refluxo e encontro ou reencontro. De uns a outros, o namorado lança-se, move-se entre contradições canto máis irresolúveis tanto máis envolventes.

Atoramento: o namorado mantém-se numha posição intermédia entre duas posturas extremas: umha errância, umha deriva entre a inconsciência assumida e o delírio sistemático. Morin: entre um pastor, que namorado percorria todos os dias durante cuarenta anos e descorria tras dez minutos a distância que o separava da sua mulher, para a mirar de longe ou polas fiestras, deixando o rebanho abandonado no monte... entre esse pastor e um filósofo, Comte, que transformou o seu amor por Clotilde de Vaux em religião positiva: um equilíbrio instável ou umha instabilidade equilibrada.

«... telle est la position de l'amoureux qui parle: un humoriste sans humour, un 'humoresque', dis-je, avec ce tragique si près de la mort dans les romans et dans la vie, mais si loin d'en mourir dans ce discours et dans la vie: la situation amoureuse est une impasse définitive» (C36, 10).

Reflecte bem o humoresco, a insostibilidade e a efectividade do amoroso em *Fragments d'un discours amoureux* (1977). Humoresco: entrar, canear, entre o trágico e o cómico, a tragicomédia. O engarrafamento, o atoramento, nom se soluciona: torna-se levadeiro. Morin oferece umha interpretação adecuada, e tamém contrária à letra, do texto barthesiano: ajustada, porque talvez disso, ou algo como isso, se trata, ou pode tratar-se; e contrária porque com ela cai a fragmentação do discurso, a ordenação alfabética das figuras amorosas. Por exemplo, nesta perspectiva, que figura máis oportuna para cerrar *Fragments d'un discours amoureux* (1977) que precisamente

a última? O alfabeto ordena dentro dumha orde. Em calquer caso, o humoresco da pe a interessantes leituras desse texto barthesiano.

### (06) Noguez

Em «La conquête du 'je'» (R02, 1982, pp. 83-89), Noguez trata fundamentalmente dous textos, *Mythologies* (1957) e *La chambre claire* (1980); outros concorrem com ocasiom destes. Realiza umha interpretaçom compreensiva de *Mythologies* (1957) e explora a distância e a tensom entre *Mythologies* (1957) e *La chambre claire* (1980). O grosso do artigo recai sobre o primeiro destes textos: Noguez mostra, em *Mythologies* (1957), traços, referências, broxadas que ressoarâm em *La chambre claire* (1980). Em termos gerais, o literário arma a ponte entre ambos textos. Intercalam-se, no artigo, catro parênteses: escolástico, a voz, protestantismo e eu. O primeiro versa sobre cuestions estilísticas: neologismos, cláusulas de enunciaçom,...; o segundo e o terceiro tenhem carácter biográfico; no cuarto é introduzida a que polo seu título pareceria a temática central do artigo e passa-se a *La chambre claire* (1980). A comparaçom entre os dous textos encerra consideraçons valiosas.

«Enfin, *La chambre claire*. Ce livre est comme le pendant -l'inverse et l'homothétique- de *Mythologies*. *Mythologies* va du vécu au théorique («Le mythe, aujourd'hui»); *La chambre claire* revient du théorique au vécu («Or, un soir de novembre, peu après la mort de ma mère...»). Proust est encore une bonne clé pour apprecier ce retour» (R02, 88).

Ora bem, neste contacto entre *Mythologies* (1957) e *La chambre claire* (1980), sem dúvida interessante, saltam faíscas. O vivido e o teórico, assi como os trajectos entre ambos extremos, variam nos textos. Nom se deve presentar a relaçom como inversom, cámbio de sentido entre os mesmos polos. Noguez parece esquecer o enlace tendido entre *Mythologies* (1957) e *La chambre claire* (1980): a literatura. Exactamente: conexons estilísticas, rasgos de escrita. Ou malentendê-lo: supervalorizar o literário. No primeiro caso, no proustismo de *Mythologies* (1957) e no proustismo de *La chambre claire* (1980) compromete-se diferentemente, ou talvez nem se compromete, a teoria. Nom menos o vivido: o uso dos mesmos (?) moldes literários nom garante aqui e alá contidos experienciais. Noguez, como corresponde ao segundo caso, opta por umha literariedade progressivamente ganhada e assumida. Entom, quem conquista um eu? Por outra parte, tal soluçom desestima bastante os textos.

### (07) Perrone-Moisés

Em *Barthes* (PMB, 1983, 110 pp.), Perrone-Moisés percorre os textos barthesianos a grandes saltos. Toca aspectos fundamentais, seleccionados numha estratégica ordeaçom cronológica, conseguindo oferecer umha ideia elementar completa de Barthes.

Dos oito capítulos nos que é dividido o livro, o primeiro e o último esboçam umha aproximaçom biográfica, os restantes enfiam cronologicamente e tematicamente os textos barthesianos: mitologias, «nova crítica», «semiólogo», escrita e prazer, amor e poder, mestre anarquista. Esta distribuïçom supom alguns ajustes e desajustes tanto

temáticos como cronológicos. A pesar da carga biográfica implicada no tratamento temático e cronológico, Perrone-Moisés mantém-se a distância do biografismo.

«Ligada a essa reivindicação de liberdade crítica, surge a reivindicação do prazer, plenamente assumida no livro que ele escreve então sobre o Japão: *L'empire des signes* (*O Império dos Signos*). Sob um título que parecia prometer uma leitura semiológica do Japão (do espaço urbano, das práticas sociais e artísticas dos japoneses), desvendado como sistema de signos, o que ele faz é um texto de puro prazer pessoal. Renunciando voluntariamente a qualquer pretensão a uma leitura sistemática, baseada em verdades lingüísticas, históricas ou sociológicas, Barthes inventa seu próprio Japão; um Japão desejado, sonhado, saboreado, transformado em texto único, texto barthesiano...» (PMB, 50).

Vários comentaristas, como Perrone-Moisés, relacionam *L'empire des signes* (1970) com *S/Z* (1970), *Plaisir du texte* (1973),... situam-no pois num contexto estético. Seria, sem embargo, máis adequado pensar num marco científico: colocar *L'empire des signes* (1970) em paralelo ou a continuação de *Éléments de Sémiologie* (1964) e *Système de la mode* (1967). Como nestes, Barthes em *L'empire des signes* (1970) move-se e explora o signo, os signos: se destaca às vezes o significante, tampouco prescinde do significado: ressaltando fundamental a justa relação entre ambos. Por outra parte, esse país ou coisa inventada ou desejada, é tratado cumha aparelhagem semiológica, numha andaimaria científica: sistema, estrutura, denotação,... Por suposto, *L'empire des signes* (1970) nom é um estudo semiológico sobre Oriente; mais, si um exercício semiológico na perspectiva dumha semiologia nom meramente descritiva: a fantasia ou o projecto de outro sistema simbólico. Que nisso exista prazer, gozo, desejo,... talvez explique a tendência a vincular este texto com outros, nos que essas noções tenham, porém, um papel diferente. Tal tendência poderia também ser explicada por umha actitude geral que nom entende senom dissociados saber, conhecimento, ciência,... e prazer, desejo, gozo. Ora bem, esse nom é o caso de Perrone-Moisés, que sublinha em Barthes a união de ambas vertentes. Inclusive cando a teoria ou a crítica parecem olvidadas ou em suspenso.

«Esse 'tapinha na asa' é o gesto habitual de Barthes, como desmitificador de imaginários por mais belos que eles sejam. Barthes estava realmente apaixonado quando escreveu esses *Fragments*; mas, como um mestre da linguagem, sabia também desencantar-se, a si mesmo. O discurso amoroso transforma-se, assim, em linguagem autocrítica, reintegrando aquela constante de toda a obra barthesiana: a desmitificação». (PMB, 66).

Nom se soi destacar este aspecto crítico em *Fragments d'un discours amoureux* (1977); aspecto considerado por Perrone-Moisés como umha constante nos textos barthesianos. Da que tira consequências. Neste livro, PMB, grandemente tecido na experiência biográfica, Perrone-Moisés evita a mitificação do personagem, introduzindo cláusulas relativizadoras («para elei») e distância o biografismo, subordinando o conhecimento pessoal à relação leitor-escritor.

## (08) Sontag

Em *L'écriture même: à propos de Barthes* (STB, 1982, 63 pp.), Sontag traça um perfil dos textos barthesianos: mostra um aroma, ou aura, estético. Repassa Barthes, nu-

cleando, na teoria e na prática da escrita próprias, umha interpretação, acompanhada por referências latas aos textos. Máis que referências, apreciaçoms; e, máis de umha errada. Na página 37, por exemplo, Sontag nom recorda que Barthes mencione a palavra «guerra»,... que titula e merece, porém, um extenso fragmento em *Plaisir du texte* (1973). Um esquecimento nom desloce umha interpretação: garante a sua desenvoltura e a sua distância.

Sontag contrasta e confirma na escrita barthesiana uns característicos rasgos de modernidade, reconhecendo em Barthes um muito importante moderno. Na sua interpretação podem destacar-se algumas notas.

«Et le jour où sa réputation ne sera plus circonscrite, comme elle l'est actuellement, par les étiquettes de sémiologie et de structuralisme, ce qui ne peut manquer de se produire, on reconnaîtra selon moi en Barthes un promeneur solitaire dans la grande tradition, et un écrivain plus immense encore que ses plus fervents admirateurs ne le soutiennent» (STB, 11).

Despois dumha breve introduçom, Sontag trata a problemática globalmente, abordando progressivamente várias vertentes: uns apuntes sobre a modernidade, sobre o formalismo, o bom gosto,...; umhas notas sobre o estilo barthesiano, aforismos, fragmentaçom,...; umhas consideraçoms sobre a escrita barthesiana, em relaçom com Gide, especialmente Sartre, Benjamin,...; umha reflexom sobre o esteta, Barthes em concreto,...; e umha conclusom na que Sontag sinala que Barthes reborda esta caracterizaçom.

Em geral, Sontag contrapom Sartre e Barthes; cousa que resulta um tanto chocante e original. Assi, Sontag indica que *Le degré zéro de l'écriture* (1953) implica um desacordo fundamental coa concepçom sartriana da literatura,... a maioria dos autores ou comentaristas soem razoar a tese contrária. A contraposiçom mantém-se, talvez, se se estreita ou se acentuam determinadas notas da teoria da literatura de Sartre. A comparaçom entre ambas práticas literárias resulta um tanto forçada: Sartre si é um escritor tradicional, cos seus romances,... Barthes é um ensaísta. Na hora de ajuizar, nem se debe julgar o que o um escreveu pola sua própria teoria literária (Sartre), nem o que o outro nom escreveu subentender-se nas suas teorizaçoms (Barthes). Paradoxalmente, a reconhecida melhor realizaçom literária barthesiana, *La chambre claire* (1980), nom pode ser menos sartriana.

«Comme tous les grands esthètes, Barthes était maître en l'art de ne rien exclure. C'est ainsi qu'il identifie l'écriture, à la fois, à une relation généreuse avec le monde (l'écriture en tant que «production perpétuelle»), et à une relation de défi (l'écriture en tant que «révolution perpétuelle du langage», hors du champ du pouvoir» (STB, 54).

A consciência resolve esta tensom; porque, como coa literatura, conta o subjectivo, o escritor, e nom o objectivo, a escrita. Sontag entende o esteta como consciência privilegiada: quíçais valeria dizer como consciência. A sua interpretação parece destinada a salvar o sujeito de calquer objectivaçom ou a reconhecé-lo detrás de toda objectivaçom. Assi, seguindo talvez algumha indicaçom do próprio personage, encontra num Barthes anterior aos textos, autor dumhas notas sobre o Jornal de Gide publicadas em 1942, muito de Barthes textual, e inclusive um Barthes posterior aos textos. Conciencialismo: moralismo. Patente, máis que latente, na reivindicaçom e celebraçom do desejo, o prazer,... em que insiste este livro.

## (09) Todorov

Em «Le dernier Barthes» (P47, 1982, pp. 323-327), Todorov ensaia brevemente umha caracterização global da obra e, máis em detalhe, dos últimos textos barthesianos. Para classificar Barthes avondam os adjectivos: semiólogo, crítico, sociólogo, filósofo, teórico,... Segundo Todorov nom se trata nem de eleger nem de encumear um contra todos nem de acertar coa mescla ou combinação adecuada. Basta repassar a trajectória ou revisar os textos: Barthes mereceu esses calificativos, pulsou essas teclas, relaxando a mestria inerente em cada um, desbaratando um pouco os registos: tenteava e maleava disciplinas, discursos.

Num momento, Todorov denomina os textos barthesianos *action writing*, acentuando assi os aspectos produtivo e intransitivo, isolantes e refractários a calquer poder. Aparte estes rasgos gerais, parece discutível a periodização proposta neste artigo.

«Or justement, à partir de 1975, les livres de Barthes ne font voir aucun système de tutelle, aucun discours de maître (serait-il cité, et quelque peu perversi). L'oeuvre de Barthes se sépare donc pour moi. et cette division compte plus que les autres, en deux grands périodes: le premier Barthes joue avec une voix de maîtrise, il peut avoir des disciples, même si ceux-ci se sont trompés d'adresse: le dernier Barthes ne le fait plus» (P47, 326).

Analisa Todorov nos textos deste último período, *Roland Barthes* (1975), *Fragments d'un discours amoureux* (1977) e *La chambre claire* (1980), a escrita ou estilo: acesso ao eu, uso do indefinido. Claves dumha singularidade voltada ao universal. Outros textos anteriores poderiam associar-se: *Mythologies* (1957) e *L'empire des signes* (1970): num medido simulacro, Barthes devinha a instância do discurso. Ora bem, tanto em termos gerais, a periodização, como em concreto, este perfil último de Barthes resultam inaceitáveis. O primeiro, porque nom hai tal mutação em e a partir de *Roland Barthes* (1975); ainda que neste texto isso se declara, Barthes continua a trabalhar acompanhado; talvez nom tutelado por um sistema, mais, isso cando?. Inclusive, alguns comentaristas nom duvidariam em falar de tutela, por exemplo em *La chambre claire* (1980) de Proust ou Sartre.... Tamém em *Fragments d'un discours amoureux* (1977) está Goethe como fundo dumha longa lista de referências; em *Leçon* (1978), Kierkegaard, Nietzsche,... E, em outros sentidos, som várias as mutações que sacodem os textos. E o segundo, esses rasgos estilísticos, acesso ao eu e uso do indefinido, tamém poderiam indicar que nom se devem tomar as cousas exactamente ao pe da letra. O romancesco é um modo de escrever: em *Fragments d'un discours amoureux* (1977), *La chambre claire* (1980),... passam máis cousas por escrito.

## (10) Trigo

No artigo «À margem dos *Fragments de um discurso amoroso* ou a febre de linguagem em Roland Barthes» (VLB, 1982, pp. 307-317), Trigo desenvolve umha interpretação de *Fragments d'un discours amoureux* (1977). Nutre-se, essa interpretação, nos textos estéticos: no tocante às coordenadas gerais, *Plaisir du texte* (1973).

Trigo começa por caracterizar o texto barthesiano pola ausência de ceña e de diálogo, por outras palavras como apolémico, e tenta, nesse sentido, entender o texto

amoroso com categorias, prazer e fruição, tomadas de *Plaisir du texte* (1973). No texto amoroso, em princípio aberto ao prazer e cerrado à fruição, acederia-se finalmente a esta, ao goce. A través da destruição do discurso amoroso xorde a textualidade amorosa. Barthes, segundo Trigo, a diferença do enamorado romântico, dispom dumha palavra moderna para roubar e propom em *Fragments d'un discours amoureux* (1977) umha fruição da language. Talvez umha fruição, um goce, na encenação de linguages. Ou, tamém segundo Trigo, numha certa fundação de sentidos.

«*Fragments de um discurso amoroso* são texto talvez não de prazer, mas são-no certamente de fruição, porque Barthes assume-se aí não propriamente como autor, mas como figura do texto, como «filho da sua obra», como alter ego. A descomposição que faz dos mitemas do «discurso amoroso» afirma-o, não só como mitoclasta positivo e como um semioclasta, mas também como um «cavaleiro andante» de um mundo «isento de sentido», em que os homes pudessem ser livres «fundadores de sentidos», logotetas» (VLB, 316).

Sem dúvida, é legítimo ler *Fragments d'un discours amoureux* (1977) como texto: mais textualidade, prazer, fruição, ... som ferramentas limitadas, case a descartar numha explicação compreensiva. Porque, neste texto barthesiano, é ensaiada umha discursividade nos limites da textualidade. Por exemplo, esse roubo de language, que entende Trigo, teria de ser matizado: resulta inegável em *Fragments d'un discours amoureux* (1977) a ressonância de outras palavras: a literatura. Mais escreve-se: menos é assente o literário, máis é registado o literal. E a literalidade exige a literatura: como precisom e exactitude. Similarmente, semioclastia e mitoclastia ficam algo desencaixadas: texto contra discurso nom parece um esquema muito produtivo. Para *Fragments d'un discours amoureux* (1977), essas correlativas destruição e fundação quicais nom animem as leituras máis interessantes. Acaso desde esse mesmo texto barthesiano.

## Cara outros vieiros

Muitas as esteiras alviscadas e esquecidas na escuma dos textos, vários os caminhos empreendidos e abandonados na poeira dos comentários: estudando «Um personaje singular» vinhérom à tona, passárom de esguelho a escrita, o compromisso, a semiologia, etc. Cumprirá, ja que logo, convocar novamente os estudiosos, pescudar em livros e artigos.... escrever um outro capítulo, outras Leituras de Barthes.

## Bibliografia citada

### 1. Roland BARTHES:

- 1953 : *Le degré zéro de l'écriture*, Paris, ed. Seuil, col. Pierres vives, 1953; reed. *Éléments de Sémiologie*, ed. Denoël/Gonthier, col. Médiations, 1965; reed. *Nouveaux essais critiques*, ed. Seuil, col. Points, 1972.
- 1957: *Mythologies*, Paris, ed. Seuil, col. Pierres vives, 1957, col. Points, 1970.
- 1964: *Essais critiques*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1964, 1971, col. Points, 1981.
- 1964: *Éléments de Sémiologie*, Paris, ed. Seuil, Communications (4), 1964; reed.

- Denoël/Gonthier, col. Médiations, 1965; reed. *L'aventure sémiologique*, ed. F. Wahl, ed. Seuil, 1985.
- 1967: *Système de la mode*, Paris, ed. Seuil, 1967.
- 1970: *L'empire des signes*, Genève, ed. Skira, col. Sentiers de la création, 1970; reed. Flammarion, col. Champs, 1980.
- 1970: *S/Z*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1970; col. Points, 1976.
- 1973: *Le plaisir du texte*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1973, col. Points, 1982.
- 1975: *Roland Barthes*, Paris, ed. Seuil, col. Écrivains de toujours, 1975.
- 1977: *Fragments d'un discours amoureux*, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1977.
- 1978: *Leçon*, Paris, ed. Seuil, 1978.
- 1980: *La chambre claire*, Paris, ed. Cahiers du Cinéma/Gallimard/Seuil, 1980.
- 1982: *L'obvie et l'obtus*, ed. F. Wahl, Paris, ed. Seuil, col. Tel Quel, 1982.
- 1984: *Le bruissement de la langue*, ed. F. Wahl, Paris, ed. Seuil, 1984.

## 2. Sobre Roland BARTHES:

### 2.1. Livros:

- Lavers, A.: *Roland Barthes: Structuralism and After*, London, ed. Methuen & Co., 1982, 300 pp.
- Perrone-Moisés, L.: *Barthes*, São Paulo, ed. Brasiliense, col. Encanto Radical, 1983, 110 pp.
- Sontag, S.: *L'écriture même: à propos de Barthes*, Paris, ed. Christian Bourgois, 1982, 63 pp. Em inglês: «Writing itself: on Barthes», in *The New Yorker*, 26 abril 1982, New York, pp. 122-141.

### 2.2. Artigos:

- Benincasa, C.: «Roland Barthes e la polifonia dei piacere», in Barthes, R., *Carte & Segni*, Milano, ed. Electa, 1981, pp. 9-16.
- Janeira, A.L. & Babo, M.A.: «Entre o fragmentário e o aforístico», in Vários, *Leituras de Roland Barthes*, Lisboa, ed. Dom Quixote, 1982, pp. 237-245.
- Miller, J.A.: «Pseudo-Barthes», in Colloque Cerisy, *Pretexte: Roland Barthes*, Paris, ed. U.G.E., col. 10/18, 1978, pp. 201-211. (Colóquios com R.B., em 1977).
- Morin, V.: «Dans les *Fragments d'un discours amoureux*... un huis clos de sorties...», in *Communications* 36, Paris, ed. Seuil, 1982, pp. 89-105.
- Noguez, D.: «La conquête du 'je'», in *Revue d'Esthétique* 2, «Sartre/Barthes», Toulouse, ed. Pensée/Privat, 1981, pp. 83-89.
- Todorov, T.: «Le dernier Barthes», in *Poétique*, 47, Paris, ed. Seuil, 1981, pp. 323-327.
- Trigo, S.: «À margem dos *Fragments de um discurso amoroso* ou a febre de linguagem em Roland Barthes», in Vários, *Leituras de Roland Barthes*, Lisboa, ed. Dom Quixote, 1982, pp. 307-317.

L.G. SOTO

Universidade de Santiago de Compostela